

Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

Joaquina Soares (Coord.)

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

FIDS - Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

FIDS

ALCÁCER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal
Câmara Municipal de Alcácer
do Sal

SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago
do Cacém / Câmara Municipal de
Santiago do Cacém

ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete
Câmara Municipal de Alcochete

AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região
de Setúbal / Museu de Arqueologia e
Etnografia do Distrito de Setúbal

SEIXAL

Município do Seixal
Ecomuseu Municipal

ALMADA

Museu Municipal de Almada
Câmara Municipal de Almada

MOITA

Departamento de Acção
Sociocultural
Câmara Municipal da Moita

SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra
Câmara Municipal de Sesimbra

BARREIRO

Serviços Culturais
Câmara Municipal do Barreiro

MONTIJO

Museu Municipal do Montijo
Câmara Municipal do Montijo

SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal
Câmara Municipal de Setúbal

GRÂNDOLA

Serviços Culturais
Câmara Municipal de Grândola

PALMELA

Museu Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Palmela

SINES

Museu Municipal de Sines
Câmara Municipal de Sines

NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

Rui Garcia

(Presidente do Conselho Directivo da Associação
de Municípios da Região de Setúbal)

FICHA TÉCNICA

Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares
Elsa Afonso
Fátima Afonso
Fernanda Pinho
Fernanda do Vale
João Ventura
Luís Pequito
Lurdes Lopes
Maria Ana Judas
Marisol Ferreira
Michelle Santos
Miguel Correia
Sandra Coelho
Susana Duarte
Vitor Mestre

Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: www.maeds.amrs.pt
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.
Interdita a reprodução de imagens.

Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

Execução gráfica

Ana Castela
Paula Covas

Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

Depósito Legal

450333/18

ISSN

1645-0553

Tiragem

300 exemplares
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

EDITORIAL

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)¹.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)²

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*³, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História⁴; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

ÍNDICE

Nota de Abertura	03
Rui Garcia	
Editorial	05
Joaquina Soares	
No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)	08
Horácio Pena	
Arqueologia Urbana e História Local	16
Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34	17
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica	39
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”	51
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal	79
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer	101
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

<p>O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela) João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos</p>	<p>115</p>	<p>Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855) Albérico Afonso, Carlos Mouro</p>	<p>199</p>
<p>O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho João Costa</p>	<p>129</p>	<p>Fran Paxeco em Sesimbra João Augusto Aldeia</p>	<p>213</p>
<p>Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna Maria João Pereira Coutinho</p>	<p>141</p>	<p>A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias Diogo Ferreira</p>	<p>219</p>
<p>A Roda dos Enjeitados Rogério Palma Rodrigues</p>	<p>151</p>	<p>Notas sobre a indústria de curtumes setubalense Carlos Mouro</p>	<p>233</p>
<p>Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho Fátima Ribeiro de Medeiros</p>	<p>163</p>	<p>Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais Pedro Fernandes</p>	<p>245</p>
<p>Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855 Ernesto Castro Leal</p>	<p>179</p>	<p>A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação Pedro Fernandes</p>	<p>253</p>
<p>O feriado municipal e a memória colectiva setubalense Carlos Mouro, Horácio Pena</p>	<p>187</p>	<p>Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX) António Chitas</p>	<p>261</p>
		<p>“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943 Fátima Afonso, Fernanda Ferreira</p>	<p>271</p>

Referências Literárias em *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, de João Carlos de Almeida Carvalho

Literary References in João Carlos de Almeida Carvalho's *Events, Legends and Traditions from the Region of Setúbal*

Fátima Ribeiro de Medeiros*

“O homem torna-se livre pelo trabalho e pela ciência, porque ser livre é saber e poder.”

Almeida Carvalho

RESUMO

Folheando os seis volumes de *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, assinados por João Carlos de Almeida Carvalho, que dão a ler uma parte do “paciente” trabalho de pesquisa levado a cabo por esse investigador e literato, infatigável defensor e compilador de factos da história “da região setubalense”, bem como de várias personalidades marcantes e “de tudo que com Setúbal se relacione”, como é dito no prefácio do volume I, vamos encontrar em todos eles, com exceção do sexto, inúmeras referências literárias, quer populares e tradicionais, quer eruditas, desde a simples menção a nomes de escritores à inclusão de diversos textos. É sobre esse rasto literário, numa obra mais afeiçoada à história, que incide este texto.

Palavras-chave: Almeida Carvalho; literatura portuguesa; Setúbal; textos da tradição popular; lendas e poesia.

ABSTRACT

Leafing through the six volumes of *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, authored by João Carlos de Almeida Carvalho, which show part of the “patient” research carried out by this writer, tireless enthusiast and compiler of facts of the history of Setúbal and its region, as well as about several prominent personalities and “of everything that relates to Setúbal”, as it is stated in the preface to volume I, we will find in all of them, with the exception of the sixth, numerous literary references, either popular and traditional or erudite, from the mere mentioning of names of writers to the quotation of various texts. This paper focuses on this literary footprint, perusing a work mostly of historical nature.

Keywords: Almeida Carvalho; Portuguese literature; Setúbal; popular culture; legends; poetry.

* - IELT – F.C.S.H. / NOVA. fribeiromedeiros@gmail.com

Folheando os seis volumes de *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vasta obra na qual se manifesta uma parte do “paciente” trabalho de investigação levado a cabo por João Carlos de Almeida Carvalho, esse infatigável defensor da história e das personalidades que marcaram Setúbal e aqui nasceram ou viveram, tendo ainda abordado “tudo [o] que com Setúbal se relacione” (Carvalho, 1968a, p. 7), vamos encontrar em todos eles, com exceção do sexto, inúmeras referências literárias, tanto eruditas como populares e tradicionais. É sobre esse rasto literário, numa obra filiada na aproximação histórica, que vai incidir este texto. Procura-se aqui dar a ler textos literários hoje de difícil acesso, alguns quase esquecidos. Pretende-se, assim, trazer a este tempo o que parecia querer permanecer no apagamento e que Almeida Carvalho soube preservar. De um vasto leque de referências literárias, serão apenas mencionadas as consideradas mais relevantes.

O primeiro volume de *Acontecimentos...* é autobiográfico, o segundo aborda a “dominação filipina” na região setubalense, o terceiro conta-nos a história do Convento de Jesus, o quarto volume, constituído por dois tomos, fala-nos dos restantes conventos setubalenses, o quinto tem como subtítulo “O Prior do Crato em Setúbal” e o sexto, “Após a restauração de 1640”. Foram todos publicados entre 1968 e 1972. Têm comentários introdutórios da autoria de Óscar Paxeco¹ (Carvalho, 1968a, p. 5), outro entusiasta das coisas de Setúbal. Em alguns casos esses comentários inserem-se entre capítulos, aprofundando, relacionando e ligando o que foi ou vai ser dito. Existem ainda notas de José Reis Gameiro, que fez a coordenação de texto do volume VI (Carvalho, 1972b, p. 4). A “Apresentação” incluída no primeiro volume é assinada por José O’Neill, descendente de Almeida Carvalho. A organização dos volumes, esgotados há muito, é feita em capítulos, subcapítulos e fragmentos textuais, onde os acontecimentos são “publicados isoladamente e sem preocupações de ordem cronológica” (Carvalho, 1968a, p. 7), fruto da metodologia de trabalho do autor, mas também dos organizadores e editores.

As suas afirmações de carácter histórico são apoiadas na consulta pormenorizada de obras de teor vário que o autor nunca esquece de referir em nota. São muitos os textos consultados, escritos desde o século XVI até perto da data da morte do investigador, em 1897. Esse trabalho, levado a cabo nas horas vagas e após a sua aposentação do cargo de taquígrafo no Parlamento, é feito de leitura, pesquisa, tomada de notas e escrita, conforme refere nas “Memórias”: “De tudo ia tomando os meus apontamentos, de forma a poder organizar mais tarde uma história de todos os acontecimentos que com a minha terra se relacionassem” (Carvalho, 1968a, p. 49). Não chegou, como se sabe, a fazê-lo.

Através do título ficamos imediatamente presos a uma palavra: “lendas”. Seguindo-a, o que vamos encontrar é muito mais do que a presença de produções tradicionais, é a referência, a citação e a inclusão de escritos literários de autor. O gosto por escutar lendas e outros textos de raiz popular talvez tenha sido infundido em Almeida Carvalho pelas suas avós de criação, ambas de nome Rosa (Carvalho, 1968a, p. 11), como aconteceu a tantos outros escritores. A par do gosto em ouvir textos da tradição, o prazer da leitura de textos literários foi adquirido em casa de seus avós, com quem passou a infância e cuja biblioteca incluía, entre outros, títulos como *Tesouro de Meninos* (Carvalho, 1968a, 16)² e *História de Carlos Magno* (Carvalho, 1968a, 17),³ leituras apetecidas pelas crianças de então.⁴ Almeida Carvalho dá-nos conta do interesse dos avós pela leitura. Sua avó lia-lhe sempre ao deitar, hábito hoje comum, mas naquele tempo pouco vulgar: “Minha avó vinha para o pé de mim, depois de eu já estar deitado, e lia-me histórias genealógicas⁵ referentes a certas famílias de alta nobreza, com as quais privara na sua juventude ou se ufanava de ser aparentada.” (Carvalho, 1968a, p. 18).

Refere ainda que a avó, depois de lhe ler essas narrativas, se ajoelhava e lia um livro de orações intitulado *Devoções Particulares à Senhora Santa Bárbara, Advogada Contra Trovões e Raios, para se Recitarem Devotamente* (Carvalho, 1968a, p. 18).⁶ Note-se que essa capacidade de leitura, enquanto aptidão adquirida

para a descodificação de um código escrito, era então uma competência muito escassa, mais ainda quando se tratava de uma mulher. Nesse sentido, evidencia uma postura até certo ponto esclarecida, mas apenas na medida em que o ler se pode integrar na teoria do ousar saber, isto porque o fez dentro de um comportamento leitoral devoto e tradicionalista.

Seu avô teve um papel decisivo no seu gosto pela literatura, lendo-lhe em voz alta muitos dos livros que possuía ou criando histórias de sua lavra que depois lhe contava:

Eu era auditor fiel das suas leituras. Meu avô, vendo o meu interesse pelas façanhas dos Doze Pares ia-lhes acrescentando outras, de sua conta e risco [...] Eram histórias imaginárias de aventuras, riscos e perigos em que ele se vira envolvido com avejões, lobisomens, fantasmas, feiticeiras, duendes, endemoninhados e almas do outro mundo, e quase sempre relacionadas com as suas digressões venatórias...

(Carvalho, 1968a, p. 18).

Com estas primícias não é de estranhar que aos 14 anos já devorasse todos os livros que lhe eram dados a ler nas aulas de gramática latina e latinidade, que tomava com o professor régio e padre Félix Vidal Galha, que se tornará seu amigo e confidente, acompanhando-o em vários momentos da vida (Carvalho, 1968a, p. 20). O seu continuado gosto pela leitura possibilitou-lhe uma cultura humanística invulgar, levando-o a recorrer à literatura em muitos momentos, conforme se pode confirmar ao longo dos volumes de *Acontecimentos...* Assim, vamo-nos deparando com várias histórias, contadas no recato familiar ou entre amigos, algumas fundadas em velhas credices, outras em factos que o tempo foi alterando, e que Almeida Carvalho designa de contos, ajudando assim à expansão de uma tradição narrativa fundada no espírito do lugar e das suas gentes. É nesse âmbito que nos conta o episódio intitulado “Uma Mulher de Armas”, vivido por uma setubalense de nome Antónia da Costa e que afirma ter retirado da obra *Sumário de Vária História*, de J. Ribeiro de Guimarães (1872-75) (Anexo I).

A lírica popular passa também por estes volumes. Assim, alicerçadas em crenças, hábitos e formas de dizer ancestrais, vamos encontrar rimas orais, ditas em distintas situações e com diferentes intencionalidades, da sentença ao texto jocoso e malicioso. Ter-se-iam perdido para sempre se o historiador não as tivesse transcrito para os seus apontamentos. As quadras em redondilha são o modelo mais frequente, mas não o único. Dignas de figurarem em qualquer bom cancionero, aqui ficam quatro exemplos:

*Vida breve,
Morte certa,
Hora incerta.
Inferno para sempre,
Juiz rigoroso,
Ai do preguiçoso.*
(Carvalho, 1968a, p. 36)⁷

*Tomei um caldinho
Por certo bem feito,
Delicado ao gosto,
De sustância ao peito.*
(Carvalho, 1969a, p. 97)⁸

*Os dois iguais ao amor,
Que se querem bem por arte,
Qual deles será mais firme:
Se o que fica se o que vai?*

*O que fica vai cuidando,
Seu caminho vai seguindo,
Quem cá fica suspirando
Saudades de contínuo.”*

*Coitadinho de quem morre,
Se ao paraíso não vai,
Quem cá fica come e bebe,
E a paixão logo lá vai.*
(Carvalho, 1969, p. 134-135)⁹

A conhecida lenda de Haildebrant, Hildebrant ou Hildebrando (conforme os diferentes compiladores),

que conta a construção da Ermida da Memória, na Arrábida, ocupa três páginas no volume IV de *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense* (Carvalho, 1970b, p. 91-93). Para a contar Almeida Carvalho serve-se dos cronistas Frei António da Piedade e Frei José de Jesus Maria, em *Espelho de Penitentes e Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida*.¹⁰ Pelo facto de ser bastante divulgada, não só nestas como noutras versões, optou-se por não a transcrever. Óscar Paxeco, no texto que antecede as narrativas de Almeida Carvalho sobre o Convento, “A Arrábida nos seus Santos e Poetas”, inclui uma versão desta lenda (Carvalho, 1970b, p. 71-73), rimada por Arronches Junqueiro, um poema em 23 estrofes popularizantes, divulgado por José Maria Albino em *Arrábida* (Albino, 1956, p. 12),¹¹ apresentando assim uma versão versificada da lenda (Anexo II), justificando a sua inclusão com o facto de que à data da redação dos “Apontamentos” não era possível “ir além” das informações dadas pelo investigador.

As referências literárias abundam nestes volumes, entremeando as informações de carácter biográfico e histórico, como que a ilustrá-las. A propósito da vida tranquila e feliz vivida antes da morte do filho Alfredo (Carvalho, 1968a, p. 65),¹² é Camões quem o investigador evoca, citando dois versos de *Os Lusíadas*, pertencentes ao chamado episódio de Inês de Castro (estância 120.^a, Canto III), revelando *a posteriori* a desgraça que se aproximou da sua família sem que ninguém dela se apercebesse, vivendo todos uma ilusória e efémera felicidade, tal como Pedro e Inês:

*Naquele engano de alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.*
(Camões, 1971, p. 115, *apud* Carvalho, 1968a, p. 65)

E se neste caso são unicamente referidos dois versos do poema, em muitos outros o investigador transcreve todo o texto poético ou, pelo menos, algumas estrofes. Não é apenas para ilustrar um sentimento, um espaço físico ou um gesto considerado nobre que Almeida Carvalho utiliza a poesia. Também o

faz para denunciar aquilo que não aprova. O seu zelo patriótico leva-o a criticar os escritores sadinos Vasco Mouzinho de Quevedo e Castello-Branco e João Sardinha Mimoso, chamando-lhes traidores por terem cantado a visita feita por Filipe III a Lisboa e Setúbal. No volume II, “Dominação Filipina”, são transcritas quatro estrofes de Quevedo que atestam esse louvor, retiradas de *Triumpho del Monarcha Philippo Tercero en la Felicissima Entrada en Lisboa*, obra em seis cantos, de estâncias oitavas.¹³

*Canto la gloria del hermoso dia,
Que amanece a la tierra Lusitana,
Quando el Monarcha como Sol le embia
Rayos de su presencia soberana.
Y el chaos confuso, que la noche cria
De larga ausencia, rutilante allana,
Deshechas ya las queixas de la gente,
En llanto amargo misera, y dolente.*

[...]

*Quando una boz por la ciudad resuena
En eccos felicissimos quebrada,
Que anuncia alegre la partita buena
Del Monarcha, a momentos esperada.
Huye del alma la dudosa pena
Con la de tanto bien certeza hallada,
Sus olores sparziendo una alegria,
Que en todos variedad de efectos cria.*

[...]

*Aquel, en quien de su caudal esconde
Riquezas grandes la primera Madre,
Aquel Marquez famoso, Duque y Conde,
Retrato ilustre del famoso Padre.
Aquel, que a su alta fama corresponde
Com las obras, porque a las obras quadre
La fama, aunque menor será la fama,
Que las obras, que suyas proprias llama.*

*El que ofreció los hombros eminentes
Al gobierno del Reyno señalado,
Com títulos subidos, y excellentes
Bien merecidos dignamente honrado.*

*Aquel, que es con el dedo de las gentes
Insigne Sylva para bien notado,
Que los presentes com affición miran,
Y los absentes com espanto admiran.*
(Quevedo, 1619, *apud* Carvalho, 1968b, p. 27-29)

Manuel Maria Barbosa du Bocage, poeta maior da língua portuguesa e grande referência das letras sadinas, surge na obra do investigador quando este descreve o desalento em que ficou depois da morte de sua esposa, antecedida de poucos anos do falecimento dos filhos Joaquim e Júlia Amélia. Identifica a sua “pun-gente dor e constante amargura” com as palavras do poeta expressas no soneto “Ao Senhor Francisco José da Paz na morte de sua esposa”:

*Deploro, caro amigo, o que deploras
Com porfiosa, com dor intensa:
Perdeste a doce Esposa, a Sócia terna,
Que presente adoraste e longe adoras.*

*Mas pensa, quando gemes, quando choras,
Que por alto Poder, que nos governa,
Ela habita do Bem na Estância eterna,
E na Estância do Mal tu inda moras.*

*Revê no coração, na fantasia,
A índole gentil, suave e pura,
Com que menos que o Céu não merecia;*

*Olha cultos gozando a Cinza escura:
De corpo, em que brilhava uma alma pia,
É quase, é quase altar a sepultura.*
(Bocage, 1969, *apud* Carvalho, 1968a, p. 69)

Outro setubalense citado na obra em questão é Manuel Maria Portela. No volume de memórias, Almeida Carvalho transcreve um soneto que este poeta lhe dedicou alguns anos depois de se terem conhecido e de ter nascido forte amizade entre ambos, quando Portela colocava a lápide comemorativa do nascimento de Bocage na casa que haveria de ostentar o seu nome. Estava então “empoleirado numa escada de mão e com

uma colher de pedreiro argamassava a placa à parede” (Carvalho, 1968a, p. 62). Ao longo do tempo, este poeta obsequiou o amigo com vários dos seus livros, entre eles *Ensaios Poéticos*, *Ecos do Ermo* e *Homenagem à Memória de Bocage*. Pode ler-se também a dedicatória que acompanhava o poema, devidamente assinada e datada de 25 de março de 1882. O texto lírico é o pane-gírico do investigador, historiador e literato:

Ao Exmo. Sr. João Carlos de Almeida Carvalho, ilus-trado e assíduo investigador e expositor da verdade na história:

*Em contínuo labor e árdua porfia,
por entre a escuridão da antiguidade,
buscas na história o cunho da verdade,
depurando-a do que é só fantasia.*

*Na empresa a que te dás em nossa idade,
em que o plagiato vemos cada dia,
o justo empenho que te esforça e guia,
com razão nos parece raridade!*

*Sais da regra dos vãos historiadores,
encartados copistas d'alfarrábios,
que domam aos lucros e aos venais louvores.*

*Loas lhes tecem de imbecis os lábios,
a quem sempre rejeitas os favores,
certo do prémio que é devido aos sábios.*
(Carvalho, 1968a, p. 63-64)

Avançando na leitura, na segunda parte do volume IV, dedicada, como a primeira, aos Conventos de Setúbal, vamos encontrar novo soneto de Portela, um tributo à estátua de Frei Martinho de Santa Maria (braços em cruz, olhos vendados, cadeado na boca, fechadura no peito, tocha acesa na mão direita e na esquerda cilícios), o monge franciscano originário de Castela, considerado o fundador do primeiro convento dos Capuchos da Arrábida, em 1542, a convite de Dom João de Lencastre, primeiro Duque de Aveiro, e que está representado à entrada do Convento:

*Do monge austero o vulto venerando
Silêncio nos impõe e impõe respeito,*

Os seus olhos, seus lábios e seu peito
 Aos torpes vícios e às paixões cerrando.

O que era na virtude revelando,
 Convida a corrigir o que é defeito,
 Da oração e vigília no preceito,
 Ainda além da morte edificando.

O profano que olhe, que não ria
 Das santas crenças que, infeliz, não sente,
 Nem erga para ele a mão ímpia!

De grande fez-se humilde e penitente,
 E foi, neste retiro onde vivia,
 Mais sábio e mais ditoso que o descrente.
 (Carvalho, 1970b, p. 97)

Ao falar sobre o Convento de Brancanes, Almeida Carvalho transcreve a elegia “Exortação a um Amigo, em que se Contempla o Reformado Convento de Brancanes”, composição que “canta as excelências do Convento” (Carvalho, 1970a, p. 15), formada por 25 tercetos com versos de onze sílabas, publicada em 1730, onde são dadas informações sobre o convento em causa e o espaço envolvente. Trata-se de um poema da autoria do setubalense Pedro Pacheco de Leandres (Anexo III), poeta de quem o tempo quase apagou a memória, “falecido em Setúbal em 1717” (Silva, 1862, p. 443).

No volume V, de subtítulo “O Prior do Crato em Setúbal”, estão incluídas, sem qualquer comentário, três estrofes do poema “O Cavaleiro da Cruz”, romance incluso em *O Romanceiro Português, ou Collecção de Romances de Historia Portuguesa*, de Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento,¹⁴ texto poético em três cantos, de estrofes sextilhas, sendo citadas as 31.^a, 32.^a e 33.^a estâncias do Canto I, que fazem referência ao Prior do Crato, à atitude do cardeal Dom Henrique para com ele, aos alegados subornos de Filipe II de Castela, à batalha de Alcântara, à ajuda estrangeira prestada a Dom António e à sua derrota (Sarmiento, 1841, p. 245-246):

[...]
 O cardeal Dom Henrique
 Não quis pôr termo à contenda,

Permitiu que o reino fique,
 Como a leilão, posto à venda;
 Dom Filipe, o castelhano,
 Como deu mais foi soberano.

Ilustre Prior do Crato
 A coroa lhe disputou,
 Português, aos lusos grato,
 Partidários seus juntou;
 Mas nas praias de Lisboa
 Perde a batalha, e a coroa.

Busca em França, em Inglaterra,
 Socorros d'armas, dinheiro,
 Traz à pátria inútil guerra,
 Venceu Filipe, o arteiro:
 Dom Filipe era poderoso,
 Dom António, desditoso. [...]

(Sarmiento, 1841, *apud* Carvalho, 1972a, p. 153)

No capítulo “Outros nomes ligados ao convento”, quase no final do volume IV, II parte, deparamo-nos com referências a outros escritores que passaram pelo Convento da Arrábida. O primeiro a ser referido é Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Escritor que viveu entre as últimas décadas do século XVI e o início do século XVII, poeta maneirista que cultivou a sátira, mormente anti-filipina, autor de elegias e sonetista contemporâneo de Camões — para cuja primeira edição das rimas, de 1595, escreveu um prólogo —, Soropita é considerado por Faria e Sousa como “engenhoso e grande poeta” e referido por Dom Francisco Manuel de Melo, no *Hospital das Letras*, o quarto dos *Apólogos Dialogais*, como “poeta mestre” (Melo, 1998, p. 89). Barbosa Machado, no tomo II da *Biblioteca Lusitana*, também elogia este poeta, afirmando que “compoz [...] muitos versos de diferente metro, em que fez patente a elegante afluência da sua musa” (Machado, 1747, p. 53). É o autor com maior número de composições incluídas no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, nome pelo qual ficou conhecido, após estudo de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, o cancionero manuscrito *Flores Várias de Diversos Autores*, comprado em Amesterdão pelo bibliófilo Aníbal Fernandes Tomás,¹⁵ em 1887. Este manuscrito

não terá sido, portanto, consultado diretamente por Almeida Carvalho, que terá recorrido a outras fontes, não identificadas, para referir e citar o escritor. Camilo Castelo Branco teve acesso a um manuscrito com textos de Soropita “provindo da livraria do convento de Tibães” (Almeida, 1998, p. 225), defendendo a partir de então com muito empenho a obra deste autor, que reputava de muito importante, tendo publicado em 1868 o volume intitulado *Poesias e Prosas Inéditas*, de Fernão Rodrigues Lobo Soropita,¹⁶ com “Prefação”, “*Post-Scriptum*” e notas de sua autoria (Soropita, 1868, p. IX-XXXVIII e 179-180). Terá sido esta uma das obras a que Almeida Carvalho teve acesso. Diz-nos o investigador que, no fim da vida, Fernão Rodrigues “buscou o retiro, e lá no ermo, entre brenhas e selvas, foi carpir os seus males [...], todo entregue à contemplação e ao culto da igreja, apelou para Deus, penitenciou-se e só do céu esperou socorro” (Carvalho, 1970b, p. 127). Encerra Almeida Carvalho a referência a este poeta transcrevendo o primeiro terceto da “Elegia penitencial”,¹⁷ poema formado por 32 tercetos e um quarteto final, que integra tanto o *Cancioneiro Fernandes Tomás* como o livro *Poesias e Prosas Inéditas*, compilado por Camilo, afirmando Carvalho que “faz supor com bons fundamentos, que naquela serra foi escrita” a dita elegia:

*Aqui neste deserto seco e pobre
Só de medonhos monstros habitado
Que a morte triste em sua capa cobre
(Carvalho, 1970b, p. 127)*

Aires Teles de Menezes, comumente nomeado apenas como Aires Teles, é outro poeta referido no subcapítulo mencionado (Carvalho, 1970b, p. 128). É de crer que o nosso investigador tenha tido acesso ao *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*¹⁸ e talvez a outra compilação posterior, *Obras Inéditas de Aires Telles de Menezes e de Estevão Rodrigues de Castro*, assinada por António Lourenço Caminha, professor régio de retórica e poética (Caminha, 1792). Homem de letras, “poeta e trovador”, Aires Teles fazia-se notar, “tornando-se superior à maioria dos seus contemporâneos

em talento, graça, versificação e estilo” (Carvalho, 1970b, p. 128). Sabe-se ainda que apreciava participar em torneios poéticos e “deitava cantigas ao despique” com outros poetas coevos, como o Conde de Vimioso (Lisboa, 1991, p. 222). Gostava de entrar em torneios, o que fazia com “ligeireza e destreza”. Era “cavaleiro fidalgo de D. João II” (Carvalho, 1970b, p. 128), acompanhando o rei nas suas saídas, tendo assistido aos derradeiros momentos do monarca, no Alvor, em 25 de outubro de 1495, acontecimento que o levou a escrever uma “Elegia à morte do Senhor Rei D. João II”, como fizera “Ao finamento do Príncipe D. Affonso”, após a morte deste em Santarém. Depois do falecimento de D. João II, que muito o afetou, decidiu “tomar o hábito da Ordem Seráfica de S. Francisco no Convento da Arrábida” (Carvalho, 1970b, p. 128), onde viveu até morrer, “tendo por folga ou passatempo o cultivo da poesia ascética e religiosa” (Carvalho, 1970b, p. 129). Apesar de dedicar a este poeta e monge mais de uma página do seu trabalho, Almeida Carvalho não inclui nenhum dos seus poemas. Pesquisa adiada que depois não chegou a concretizar-se ou falta de atenção dos editores?

Outro poeta citado em *Acontecimentos...* é Simão António de Santa Catarina (1676-1733), monge jerónimo, “lente de teologia moral”, por alcunha “o torto de Belém”, cujo nome de batismo era Simão Lopes. Segundo Diogo Barbosa Machado (Machado, 1752, p. 709), foi membro das Academias Anónima, Portuguesa e Escolástica.¹⁹ Professou em idade adulta no Convento de Santa Maria de Belém (Silva, 1855, p. 290). Publicou o livro *Rimas Sonoras* sob o nome de Simão Antunes Freire. A sua obra, parte dela jocosa, situa-se entre o barroco e a poesia dos arcades. Almeida Carvalho diz que era “muito distinto” em “música, um ótimo tocador de órgão e de viola, e bom mestre de capela” (Carvalho, 1969, p. 170), mostrando conhecer o escritor a partir da obra de Costa e Silva. Daí que, ao introduzir a temática das eleições das abadessas no Convento de Jesus, tenha incluído uma estrofe oitava, retirada do tomo IX do *Ensaio Biográfico-Crítico Sobre os Melhores Poetas Portugueses*, de Costa e Silva, o Elpino Tagídio, pertencente a um designado “poema joco-sério”,

em nove cantos, sobre sufrágios nos conventos, texto perdido durante o encerramento dos espaços conventuais, mas que Costa e Silva transcreveu depois de o ter escutado, dito de cor:

*Os enredos, as bulhas, as trapaças,
Os enganos, os medos e os temores,
Os ardis, as astúcias, as negaças,
Os agrados, os risos, os amores,
As trombas, os focinhos, as caraças,
As fúrias, os raivaços, e os rancores
Que houve em certa eleição com forte espanto
Darão matéria a nunca ouvido canto.*
(Silva, 1855, *apud* Carvalho, 1969, p. 170)

Situada “na raiz da serra, junto à beira do mar, e a pouca distância do lugar do Portinho” (Carvalho, 1970b, p. 103), a Lapa de Santa Margarida é também cantada em *Acontecimentos...*, através da transcrição de três estâncias oitavas, LIV, LV, LVI, do longo poema “Epanafora Poética”, incluído em *Ecos que o Clarim da Fama Dá: Postilhão de Apolo*, texto assinado por José Maregelo de Osan, pseudónimo de José Ângelo de Moraes, excerto a que Almeida Carvalho apõe o título de “Lapa de Santa Margarida”²⁰

[...]
*Debaixo desta rústica montanha,
Obrada pela própria natureza,
Também vio de hua lapa a gruta estranha
Em rude proporção, tosca grandeza:
Pela parte que o mar soberbo a banha,
Dous pórticos se vem, que na largueza
Comunicação da luz a formosura
À bronca esfera, opaca architectura.*

*Por pavimento tem toscos penedos,
Por guarnições roturas diferentes,
Por paredes os ásperos rochedos,
Por abóbada as penhas eminentes:
Seria origem de confusos medos,
Se nas suas planices competentes*

*Não fora da Capella, que descobre,
Arquivo singular, ou Claustro nobre.*

*Dentro, pois, deste concavo Edifício,
De incultas rochas humido Horizonte,
Aquem servem, sem moldes de artifício,
De columnas os jaspes deste monte:
Se adora sempre com fervôr propicio,
No Soberano Altar, que está defronte,
A Santa Margarida, que he no exemplo
Da fé Sacrário, da virtude Templo. [...]*
(Osan, 1762, *apud* Carvalho, 1970b, p. 102-103)

Ao longo da obra em apreço surgem várias referências ao setubalense Gregório de Freitas, autor considerado por Óscar Paxeco “um precursor” de Almeida Carvalho (Carvalho, 1970a, p. 127). Segundo Barbosa Machado (Machado, 1741, p. 413), debruçou-se sobre a história da sua terra e das suas gentes. Bibliófilo e leitor, juntou uma escolhida e numerosa livraria, considerada pelo autor da *Bibliotheca Lusitana* como a melhor do seu tempo. Atualmente é possível consultar-se na Biblioteca Nacional a sua obra manuscrita *Memorias Geographicas e Historicas da Provincia da Estremadura* (1601), onde fala de Azeitão e Setúbal. No Museu de Setúbal, Convento de Jesus, pode compulsar-se em fotocópia o volume *Memoria das Familias de Setubal, e de Algumas Outras que Pertencem a esta Villa por Contrairem Aliansas com Pessoas Naturays della*.

Cotejando os seis volumes de *Acontecimentos...* não se encontra nenhuma referência de Almeida Carvalho à poesia de Frei Agostinho da Cruz. Isso é feito por Óscar Paxeco num dos seus comentários às palavras do historiador. Assim, o jornalista transcreve os dois quartetos de um soneto deste frade, evocando Frei Diogo dos Inocentes na sua doença e morte:

*Se vós me deixais, Senhora minha,
Seguro estou de nunca vos deixar
Porque se em mim não há que segurar
Assegura-me ter-vos por vizinha*

*Foi-se-me o companheiro que aqui tinha,
Enfermo sem poder mais aturar,
E pois doença e morte hão-de chegar,
Fazer que a morte chegue mais asinha*
(Cruz, 1994, *apud* Carvalho, 1970b, p. 69)²¹

Após o levantamento das referências literárias mais significativas presentes em *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, não queremos deixar de incluir um outro texto, uma carta. Género cada vez mais reconhecido e considerado pelos estudos literários, a carta revela muito sobre a época em que é escrita e sobre a personalidade de quem a escreve. Sem entrar em questões teóricas, notamos no III volume a inclusão de uma “Representação” ao rei, redigida pela religiosa Maria Carlota Batalha, senhora já “curvada pelos anos” (Carvalho, 1969, p. 139) e uma das últimas duas freiras expulsas após o Convento de Jesus ter sido “definitivamente extinto”. Rogava que lhe fosse atribuído “algum subsídio, que de certo modo lhe mitigasse as amarguras da indignância e os horrores da fome” (Carvalho, 1969, p. 138). Documento que merece a nossa atenção, mostra que naquele final de século, muitas mulheres, para além das que deram a cara pelos direitos de todas, tinham já consciência de que precisavam de ser elas próprias a defender os seus interesses (Anexo IV).

Aqui chegados, podemos dizer que, pelos seus “trabalhos de investigação e estudos históricos” (Carvalho, 1968a, p. 74), numa invulgar “ambição de investigar e saber”, João Carlos de Almeida Carvalho desejava deixar para o futuro uma “memória do seu nome” (Carvalho, 1968a, p. 75). Na parte final do primeiro volume de *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense* explica o que o levou, durante “cerca de meio século” (Carvalho, 1968a, p. 77), a empreender um aturado trabalho de investigação e recolha:

*Não foi a vaidade que me arrastou a este trabalho
[...]. É a vocação que me impele e o interesse que me atrai
[...]. O que escrevi [...], a par de investigações trabalhosas
nos arquivos, bibliotecas e em milhares de livros, papeis e*

*manuscritos, fi-lo mais por um estranho amor à minha
terra, como uma diversão agradável de que necessitava o
meu espírito, propenso ao isolamento e à melancolia, do
que por vaidade ou qualquer outro interesse.*

(Carvalho, 1968a, p. 76-77).

Ao fazê-lo recorreu fundamentalmente à investigação histórica, não se esquecendo de também dar a ler muitos escritores e alguns textos tradicionais. Para poder incluir as múltiplas referências literárias que encontramos nestes seis volumes o investigador teve de compulsar uma vastíssima bibliografia, feita de muitos livros, inúmeros manuscritos e talvez não menor número de cancioneiros de mão; seus, de amigos, de bibliotecas e arquivos, públicos e privados. Fê-lo tendo continuamente em vista o tema que estava a abordar e que pretendia ilustrar com a referência literária utilizada, revelando-se um conhecedor profundo de escritores de diferentes épocas. Mostrou também que a literatura ajuda a reforçar atitudes, ideias, sentimentos, emoções, presentes e vividos em diversos momentos da vida pessoal e coletiva. Para cada momento há sempre um texto, um poema, uma narrativa. E o historiador soube encontrá-los. Confirmando a opção de João Carlos de Almeida Carvalho em colocar definitivamente a literatura ao lado da história enquanto áreas do conhecimento que privilegiava, são de notar os dois versos de Voltaire que escolheu para encerrar a sua autobiografia, paráfrase para os últimos passos da sua longa carreira de investigador, literato, historiador e homem do seu tempo que deixou para a posteridade um inestimável legado:

*Te touche aux derniers pas de ma longue carrière,
Et mes yeux sans regret quitteront la lumière.*

(Carvalho, 1968a, p. 77).²²

NOTAS

Todas as transcrições respeitam a grafia dos textos citados.

1 - Refira-se que no V volume de *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — O Prior do Crato em Setúbal*, editado em 1972, pode ler-se uma “Memória” assinada pelo

editor (Junta Distrital de Setúbal) informando que Óscar Paxeco perecera em 17 de fevereiro de 1970, tendo, contudo, deixado vários volumes comentados, pelo que tanto esse como o VI volume apresentam ainda comentários desse “profundo conhecedor das coisas de Setúbal”.

2 - Cf. Pedro Blanchard, *Thesouro de Meninos: resumo de Historia Natural, para uso da mocidade de ambos os sexos e instrução das pessoas, que desejão ter noções da Historia dos tres Reinos da Natureza*, traduzido do francês por Matheus José da Costa (cf. referência bibliográfica).

3 - Consulte-se ainda Jeronimo Moreira de Carvalho (tradutor do castelhano), *Historia do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França* (cf. referência bibliográfica).

4 - Almeida Carvalho faz ainda referência ao livro pelo qual aprendeu a ler, *Instrução de Principiantes e Novo Methodo para se Aprenderem as Primeiras Letras, para o Uso das Escolas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades* (cf. referência bibliográfica).

5 - No texto está grafado “geneológicas”.

6 - Veja-se Frei José de Santa Rosa, *Devoções Particulares à Senhora Santa Bárbara, Advogada Contra Trovões e Raios, para se Recitarem Devotamente* (cf. referência bibliográfica).

7 - Rima copiada pelo então jovem Almeida Carvalho de um cruzeiro de pedra do lugar de Calvos, Loures.

8 - Quadra atribuída a uma “guarda religiosa” do Convento de Jesus, ditada por “musa travessa”.

9 - Segundo o autor, este texto vem do século XVIII e era dito por populares no adro da Igreja do Convento de Jesus.

10 - Consulte-se a respeito destes autores e suas obras a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (cf. referência bibliográfica).

11 - O poema não tem título na publicação de J.M. Albino nem na transcrição de Óscar Paxeco, mas António Mateus Vilhena e Daniel Pires chamam-lhe “Haidebrand”. Optou-se por acrescentar aqui certos versos publicados por Albino que Paxeco cortou.

12 - Alfredo de Almeida Carvalho morre em Setúbal, com apenas 22 anos, na casa de família, na Avenida Luísa Todi, em 29 de dezembro de 1868.

13 - As estrofes de Quevedo reproduzidas por A. Carvalho pertencem à obra *Triumpho del Monarcha Philippo Tercero en la Felicissima Entrada em Lisboa*. Dirigido al Presidente Iuan Furtado de Mendoça, y Senado de la Camara (cf. referência bibliográfica).

A primeira estrofe transcrita abre o poema, a segunda pertence ao canto III, as restantes cantam “as altas excelências do duque de Villa Hermosa”.

14 - Na nota 226 de *Acontecimentos...*, vol. V, p. 153, este nome está incorretamente grafado como sendo Nascimento.

15 - Há quem, como Carolina Michaëlis de Vasconcellos, considere que esse cancionero terá sido começado a organizar pela

mão do próprio Soropita. Alguns estudiosos da vida e obra de Fernão Rodrigues, entre eles Camilo Castelo Branco, alvitraram que este poeta seria aparentado com Francisco Rodrigues Lobo.

16 - Veja-se ainda a edição de Maria Luísa Linhares de Deus de *Obra Poética e em Prosa*, de Soropita. Esta investigadora trabalhou também as cartas éditas e inéditas do poeta. Consulte-se também o exercício comparatista de António Cirurgião, “A ‘Penitência de Soropita’, vista à luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola” (cf. referência bibliográfica).

17 - No livro organizado por Camilo intitula-se “Elegia da minha penitência”, mas no *Cancioneiro Fernandes Tomás* tem já esta designação. Sobre esta elegia veja-se António Dias Miguel, “A ‘Elegia Penitencial’ de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, um problema de autoria, o texto, suas variantes e algumas notas” (cf. referência bibliográfica).

18 - Aí se encontram compiladas mais de duas dezenas de composições de Aires Teles, incluídas nas “Coisas de Folgar” e na coleção dos poemas de louvor às damas e a outras personalidades de relevo, cf. pp. 126, 129, 132 do Vol. II; pp. 127, 162, 163, 167, 179, 195, 355, 356, 377, 278, 395 do vol. III; pp. 124, 125, 126 (2), 127 (2), 128, 129, 130 (2) do vol. IV.

19 - Conforme se pode ler no frontispício de *Relaçam Metrica das Sonelissimas Festas, com que os Religiosos Carmelitas de Lisboa Occidental Celebraraõ a Canonizaçao de S. Joam da Cruz*, dedicada ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio (cf. referência bibliográfica).

20 - Confira-se também José Maregelo de Osan, *Eccos que o Clarim da Fama Dá: Postilhão de Apollo, Montado no Pegazo, Girando o Universo, para Divulgar ao Orbe Literario as Peregrinas Flores da Poezia Portuguesa, com que Vistosamente se Esmaltaõ os Jardins das Musas do Parnazo*, 2 vols. Veja-se ainda Adriano da Guerra Andrade, *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses* (cf. referência bibliográfica).

21 - Por ser a única inclusão, se bem que parcial, de um poema deste místico arrábido, optou-se por incluir aqui o texto dos tercetos para que o leitor possa aceder de forma completa à mensagem poética: “Segura-me, Senhora, a confiança, / Da vossa piedosa condição, / Tão liberal comigo aqui neste ermo, // Para não reear qualquer mudança; / Que quem de mim se serve quando são, / Não me lançará fora quando enfermo” (Fr. A. da Cruz, 1994: 107).

22 - [Que te toquem os últimos passos da minha longa carreira / E meus olhos sem arrependimento deixarão a luz].

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

AA.VV. (1991) – “Aires Teles de Meneses”. In Eugénio Lisboa (coord.), *Dicionário Cronológico de Autores*, I. Lisboa: Publicações Europa-América.

AA.VV. (1993) – *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, 4 vols. Fixação de texto e estudo por Aida Fernanda

- Dias. Lisboa: I.N.C.M.
- Albino, J. M. da Rosa (1965) – *Arrábida, Publicação Comemorativa do Centenário da Fundação do Antigo Círio da Arrábida de Setúbal*, 2.^a ed. Setúbal.
- Almeida, I. (1998) – *Poesia Maneirista*. Lisboa: Comunicação.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1968a) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Memórias do Autor*, I. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1968b) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Dominação Filipina*, II. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1969) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Convento de Jesus*, III. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1970a) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Conventos de Setúbal*, IV, parte I. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1970b) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Conventos de Setúbal*, IV, parte II. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1972a) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — O Prior do Crato em Setúbal*, V. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Almeida Carvalho, J. Carlos de (1972b) – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense — Após a Restauração de 1640*, VI. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Andrade, A. da Guerra (1999) – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Blanchard, P. (1813) – *Thesouro de Meninos: Resumo de Historia Natural, para Uso da Mocidade de Ambos os Sexos e Instrução das Pessoas, que Desejão Ter Noções da Historia dos Tres Reinos da Natureza. Obra elementar traduzida do Francez e oferecida à Mocidade por Matheus José da Costa, Beneficiado e Mestre de Cerimonias da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa*, T. I. Lisboa: Imprensa Regia.
- Bocage, M. M. Barbosa du (1969) – *Opera Omnia*, VI. Lisboa: Bertrand.
- Caminha, A. L. (1792) – *Obras Ineditas de Aires Telles de Menezes, da Ilustre Caza de Unhaõ, e Ayo do Senhor Rei D. Joaõ II. De Estevoã Rodrigues de Castro, e de Outros Anonimos dos mais Esclarecidos Seculos da Litteratura Portugueza. Dadas à Luz Fielmente Trasladas dos seus Antigos Originaes, Dedicadas ao Muito Alto e Poderoso Senhor D. Joaõ Principe do Brasil*. Lisboa: Officina de Fillipe Jozé da França e Liz.
- Camões, L. Vaz de (1971) – *Os Lusíadas*. Edição nacional sob iniciativa de Afonso Lopes Vieira. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa (reimpressão de 1999).
- Carvalho, J. Moreira de [tradutor do castelhano] (1851) – *Historia do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França, Traduzida do Castelhana em Portuguez, com mais Elegância para a Nossa Língua por Jeronimo Moreira de Carvalho, Medico do Partido da Universidade de Coimbra, dos Exércitos da Provincia de Alem-Tejo, e Físico-Mor da Gente de Guerra do Reino do Algarve. Dividida em Cinco Livros*. Nova Edição. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- Cirurgião, A. (1997) – A “Penitência de Soropita”, vista à luz dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. In *Novas Leituras de Clássicos Portugueses*. Lisboa: Colibri.
- Cruz, Agostinho da, Frei (1994) – *Sonetos e Elegias* (estudo, estabelecimento de texto e notas de António Gil Rafael). Lisboa: Hiena.
- Guimarães, J. Ribeiro de (1872-1875) – *Sumário de Vária História: Narrativas, Lendas, Biografias, Descrições de Templos e Monumentos*, 5 Vols. Lisboa: Rolland & Semiond (distrib.).
- Leandres, P. Pacheco de (1730) – *Exortação a um Amigo, em que se Contempla o Reformado Convento de Brancanes*, Dedicada a N. S. dos Anjos. Lisboa: Officina Joaquiniana da Musica.
- Machado, D. B. (1741) – *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Cronologica*, Offerecida à Augusta Magestade de D. João V. Nosso Senhor, T. I (ed. fac-similada, 1965, Coimbra: Atlântida). Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- Machado, D. B. (1747) – *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Cronologica*, Offerecida ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Joze Maria da Fonseca, e Evora, T. II (ed. fac-similada, 1966, Coimbra: Atlântida). Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.
- Machado, D. B. (1752) – *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Cronologica*, T. III (ed. fac-similada, 1966, Coimbra: Atlântida). Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.
- Maria, J. de Jesus, Frei (1737) – *Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- Melo, F. Manuel de (1998) – *Apólogos Dialogais II – O Hospital das Letras, Apólogo Dialogal Quarto* (introdução, fixação de texto e notas de Pedro Serra, a partir da ed. de 1657). Coimbra: Angelus Novus.

- Miguel, A. D. (1954) – A “Elegia Penitencial” de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, um problema de autoria, o texto, suas variantes e algumas notas. In *Separata de Ocidente*, XLVII (200). Lisboa: Editorial Inquérito.
- Morais Sarmiento, I. Pizarro de (1841) – O Cavalleiro da Cruz, romance. In *O Romanceiro Portuguez, ou Collecção de Romances de Historia Portuguesa*, Parte I. Lisboa: Typografia do Panorama.
- Osan, J. Maregelo de (1762) – “Triunfo Regio Recopilado de huma Epanafora Poetica, em que se Descrevem os Festejos que os Habitantes da Villa de Setubal Dedicaraõ ao Senhor Rey D. Joaõ V. de Gloriosa Memoria, na Entrada que Fez na Mesma Villa em 20 de Junho de 1711”. In *Eccos que o Clarim da Fama Dá: Postilhaõ de Apollo, Montado no Pegazo, Girando o Universo, para Divulgar ao Orbe Literario as Peregrinas Flores da Poezia Portuguesa, com que Vistosamente se Esmaltaõ os Jardins das Musas do Parnazo*, Ecco I, 2 vols. Lisboa: Officina de Francisco Borges de Souza.
- Piedade, António da, Frei (1728-1737) – *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*, Tomo Primeiro [- Segundo]. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- Quevedo Castelo Branco, V. Mouzinho de (1619) – *Triumpho del Monarcha Philippo Tercero en la Felicissima Entrada en Lisboa. Dirigido al Presidente Iuan Furtado de Mendoza, y Senado de la Camara*. Lisboa: Jorge Rodrigues.
- (S/A) (1793) – *Instrucção de Principiantes e Novo Methodo para se Aprenderem as Primeiras Letras, para o Uso das Escolas da Congregaçãõ do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades*, Ordenado pela Mesma Congregaçãõ. Nova edição correcta e acrescentada. Lisboa: Régia Officina Tipografica.
- Santa Catharina, S. Antonio de, Frei (1729) – *Relaçam Metrica das Sonelissimas Festas, com que os Religiosos Carmelitas de Lisboa Occidental Celebrãrãõ a Canonizaçãõ de S. Joam da Cruz, Dedicada ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio*. Lisboa Occidental: Patriarcal Officina da Musica.
- Santa Rosa, José de, Frei (1791) – *Devoções Particulares à Senhora Santa Bárbara, Advogada Contra Trovões e Raios, para se Recitarem Devotamente*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- Silva, I. Francisco da (1859) – *Diccionario Bibliographico Portuguez*, T. III (ed. fac-similada, 1987). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, I. Francisco da (1862) – *Dicionário Bibliográfico Português*, T. VI (ed. fac-similada, 1987). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, J. M. da Costa e (1855) – *Ensaio Biographico-Critico sobre os Melhores Poetas Portugueses*, T. IX. Lisboa: Imprensa Silviana.
- Soropita, F. R. L. (2008) – *Obra Poética e em Prosa* (edição e notas de Maria Luísa Linhares de Deus). Porto: Campo das Letras.
- Soropita, F. R. L. (1868) – *Poesias e Prosas Inéditas* (“Prefaçãõ”, “Post-Scriptum” e Notas de Camillo Castello Branco). Porto: Typografia Lusitana.
- Vasconcellos, C. Michaëlis de (1980) – *O Cancioneiro Fernandes Tomás; O Cancioneiro do P.º Pedro Ribeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vilhena, A. M.; Pires, D. (2014) – *A Serra da Arrábida na Poesia Portuguesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos. 2.ª ed. corrigida e aumentada.
- <http://www.foriente.pt/64/historia.htm#.Wr4nmpch1PY>, acedido em maio, 2017.

ANEXO I

“Uma mulher de armas”

Corria o ano de 1607, e num dia, talvez de calor, mas aziago para Antónia da Costa, e não menos para um alcaide zeloso e abelhudo, deu-se em Setúbal um episódio curioso que rematou em conflito burlesco. Aquela mulher saíra de sua casa, e dirigiu-se à do corregedor a fim de tratar de seus negócios; mas, ao que parece, ia donairoso e taful, de vestidos, saias, ou camisa arrendada. As saias, porém, ou por descuido, ou porque a força do calor assim o exigisse, apareciam um tanto arregaçadas, descobrindo luxuosas rendas que atraíram os olhares cobiçosos do alcaide que, para aumento dos seus emolumentos ou impelido pelo dever de fazer cumprir as disposições da carta pragmática contra o luxo, vai logo de encontro à garrida Antónia da Costa, tentando levantar-lhe os vestidos, as saias, e não sabemos se também a camisa, para verificar melhor e de perto se a mulher trazia rendas de mais ou franjas de menos, e ao mesmo tempo admirar o formoso rendilhado da garbosa matrona. Esta, qual outra heroína de Dio, levanta a mão e zás! pespega uma tremenda bofetada nas faces do zeloso e consciencioso alcaide, que se atrevera a feri-la em seu pundonor e atacá-la em sua honestidade.

O corregedor, homem reto e rigoroso, ao tomar conhecimento do caso, condenou a ousada matrona pelo escândalo inaudito de infringir a lei com as rendas da saia, e por desacatar a autoridade da justiça na pessoa do zeloso alcaide, ou do apalpador quadrilheiro. Antónia da Costa, porém, não recuou nem se intimidou na presença do corregedor e, usando do seu direito, recorreu para o Tribunal da Relação, cujos juízes lhe deram provimento pela sentença seguinte:

“Acórdão da relação: Não é bem julgado pelo corregedor Francisco Gomes Loureiro condenar a ré Antónia da Costa em 4.000 réis para cativos e alcaide pelas barras do mantéu, porquanto não houve fé de escrivão que lhas visse; e outrossim não foi por ele bem julgado condenar a ré em 5.000 réis pela bofetada dada no alcaide, porquanto foi bem dada pela defesa de sua honra. Revogando sua sentença por todos seus fundamentos e os mais dos outros, visto como se mostra, a ré ser mulher casada e honrada, assim por sua pessoa como por seu marido, mostra-se mais ter o alcaide tão decatado, com tão pouco senso, que quis levantar a saia a uma mulher casada, o que se não sofre: “Absolvem a ré dos 4.000 réis da cadeia, e condenam ao alcaide em 2.000 réis para cativos e nas custas que ela e seu marido fizeram; e outrossim a absolvem da bofetada que deu, muito bem merecida, no alcaide, por ser mal ensinado.

“E a vós, Corregedor, para que outro dia saibais atentar pela honra das mulheres que forem a vossa casa, vos condenam em 4.000 réis para as despesas da Relação, e outro dia vos não aconteça fazer outra tal, porque o há-de saber Sua Majestade, e não passareis com 4.000 réis de pena. Lisboa, 23 de Agosto se 1607. Gaspar Leitão Coelho; Lançarote Leitão”.

(Guimarães, 1872-75, apud Carvalho, 1968b, p. 50).

ANEXO II

Quisera escrever cò a luz
De um luar suave e belo,
Num livro, todo doirado
De brilhante setestrela,

Esta lenda, iluminando
Espaço a espaço, a história amena
Com poeiras d'ouro e prata,
Das asas d'uma falena.

Mas não posso. Embora! Embora!
É loucura o meu pensar.
Quem descreve a cor da aurora?
Quem entende a voz do mar?

Vou contar a santa lenda
D'esta serra. Ouvi, ouvi.
É tão bela esta legenda,
Que outra igual eu nunca vi.
Vou contar a santa lenda
D'esta serra. Ouvi, ouvi.¹

“Hildebrant, o mercador
Senhor de grande riqueza,
Demandava, com ardor,
A capital portuguesa.

E, junto ao ouro trazia
Na sua barca, também,
A Virgem Santa Maria
— Aurora branca do Bem —.

Singrava a barca. E o vento
Crescendo de intensidade

*Foi acordar num momento
As iras da tempestade.*

*O céu toldou-se. Só quando
Brilhava o raio nos céus,
Via-se a barca lutando
Envolta em mil escarceus.*

*Era negro o céu. O vento
Açoutava a terra e o mar.
No luto do firmamento
Nem uma estrela a brilhar.*

*Nem uma estrela a brilhar
Sorria lá na amplidão.
Iroso rugia o mar.
Bramia em fúria o tufão.*

*E n'essa barca perdida,
Perdida no vendaval,
Não há esp'ranças na vida...
— Jogoete do temporal —.*

*E a espuma branca, tão leve,
Pelas ondas a marchar,
Como fantasmas de neve
Correndo, por sobre o mar,*

*Cercavam todo o navio
Rugindo, como metralhas,
Era o cortejo sombrio,
A procissão das mortalhas.*

*Desceram todos a orar
À virgem Nossa Senhora,
Milagre! Serena o mar!
Milagre! Milagre! A aurora!*

*E sobre a serra altaneira
Uma luz branca raiou.
Então a barca veleira
De novo o rumo marcou,*

*Procuram ansiosos
No navio, a Protectora.*

*Não acharam. Desgostosos
Voltam a ver essa aurora.*

*Essa cor nevada e bela
Que sobre a serra apar'ceu
Bem diferente era daquela
Que mais tarde, além, nasceu.*

*Nasce o dia, azul, formoso,
Dia calmo, dia lindo!
Até o mato cheiroso
Parece qu'está sorrindo.*

*Saltam em terra e buscando
O sítio onde raiou
O clarão suave e brando
Que a barca tão bem guiou,*

*Sobem a serra, os fraguedos.
Vêem com grande alegria,
Firmada sobre um rochedo
A Virgem Santa Maria.*

*E Hildebrant conheceu
Ao ver aquele lugar
Que a Virgem Santa escolheu
Aquela serra p'ra altar.*

*E ali ficou adorando
A sua Virgem Senhora,
Até que um dia, voando,
Foi-se nos raios da aurora..."²*

*Eis aqui a Santa lenda
D'esta serra que sorri.
É tão bela esta legenda
Que outra igual eu nunca vi.
Eis aqui a santa lenda³
D'esta serra que sorri.*

(Albino, 1956, *apud* Carvalho, 1970b, pp. 71-73)

1 - Na transcrição de Óscar Paxeco, os versos 5 e 6 desta estrofe, que repetem os dois primeiros, não foram transcritos.

2 - Toda esta quadra foi suprimida por Óscar Paxeco.

3 - Também os dois últimos versos desta estrofe não foram transcritos por Óscar Paxeco.

ANEXO III

*He nas altas grandezas de elevado
Penitente edificio, que a dispendio
De Dom Pedro Segundo foy fundado.*

*Alli do sacro amor o vivo incendio
Arde na fragoa de desejos pios,
Da virtude crisol, da fé compendio.*

*Refugio dos terrenos desvários,
Pois se consola nesta soledade
Quem procura do século os desvios*

*Asilo, em que se encontra sem vaidade
Revestida a modestia de virtude,
Ornada a devoção de suavidade.*

*Porque descobre no frevôr, que allude,
Por mais reflexoens o desengano,
Sitio prudente neste monte rude.*

*Convento reformado, que procura
O venerável padre, para esfera
Do resplendor presente, a luz futura.*

*Aquele varão grande, que na austera
Penitencia, que tanto exercitava,
Espelho illustre de virtude era.*

*Frei Antonio das Chagas, digo, insigne,
Cujo zelo efficaz não se encarece,
Cujo divino ardor não se define.*

*Pois querendo seguir no zelo a Elias,
Passava com desvello successivo
Orando as noites, e prègando os dias.*

*Pois de agudas sentenças persuadido
E de sábios conselhos ilustrado
A seus pés se prostrava convertido.*

*Por esta causa nesta amenidade,
Que chamão Brancanes vulgarmente,
Este archivo erigio de santidade.*

Por que até se divisa nos verdores

*Deste sitio, que estão sempre ensinando
Virtude às plantas, penitencia às flores.*

*Recoletas as aves com seu brando
Armónico concerto nos ouvidos
As saudades da glória estão lembrando.*

*Os crystaes, que da penha derretidos
Perennes correm no sussurro ufano,
Clarins são da pureza repetidos.*

*Vencendo o rio seu furor tyrano
Beja o pé deste monte, e reverente
Na humildade publica o desengana.*

*Por entre os ramos com veloz corrente
O mar undoso solícita, adonde
Expira triste, e morre de repente.*

*Tudo aqui neste sitio venerado
A santidade excita sem desvio,
A virtude provoca sem cuidado.*

*Pois roubando os affectos do alvedrio
Estão sempre inclinando à penitencia
As plantas, flores, os crystaes e o rio.*

*Paraizo sem dúvida admirado
Se mostra aos olhos este sitio ameno
No verde adorno, florescente agrado.*

*Vestido o monte de viçoso feno
De frondoso arvoredos se guarnece,
Que o vento inquieta com temor sereno.*

*Entre as aves repetem com primores
Alternando dulcisonas cadencias
Progue suspiros, Philomena amores.*

*Todo o monte he thesouro de alegria,
Motivando entre si competidoras
As flores graça, as aves melodia.*

*Conduz para o convento huma calçada,
Que lhe forma entre as árvores silvestres
Atrio formoso, e peregrina entrada.*

*Pois unidas com vinculos agrestes
Hum labyrintho formão viridante
De deusas fayas, fúnebres ciprestes.*

*Esfera consagrada à preeminente
Imperatriz dos Anjos milagrosa,
Divina Aurora, e Sol resplandecente.*
(Leandres, 1730, apud Carvalho, 1970a, pp. 16-18)

*Se todo o infeliz encontra protecção ou acha abrigo
quando recorre à Alta Munificência da Excelsa e Real
Família, a suplicante aflita e desamparada, recorrendo
a Vossa Real Majestade, espera ser benignamente aco-
lhida com as santas consolações da piedade.*

*Senhor, condoa-se Vossa Real Majestade de uma
mártir do seu mau destino, a quem as vicissitudes dos
tempos condenaram, e que prostrada e com as mãos
erguidas perante o Régio Trono, implora justiça ou
equidade, compaixão e caridade. Espera Receber Mercê.
Setúbal, 4 de Junho de 1891. Maria Carlota Batalha.
(Carvalho, 1969, pp. 138-139)*

ANEXO IV

*Senhor:*¹

Maria Carlota Batalha, pupila do Convento de Jesus de Setúbal, ali esteve clausurada por espaço de trinta e sete anos, até que o mesmo convento foi definitivamente extinto. Expulsa e suplicante, só e abandonada, sem abrigo nem recursos alguns, seguiu afinal o exemplo de outras pupilas, e mesmo de serventes de diferentes clausuras extintas, e requereu, quando também requeria uma sua única companheira, que com ela fora igualmente expulsada daquele convento, implorando a Vossa Majestade, que, condoendo-se da sua triste e miserável situação, a suplicante fosse socorrida com algum subsídio, que de certo modo lhe mitigasse as amarguras da indigência e os horrores da fome.

A imprensa já publicou por diferentes vezes, que a muitas daquelas pupilas, e até a algumas serviçais de diversos conventos têm sido concedidos subsídios, sendo no número delas contemplada com o de oito mil réis mensais a referida sua companheira Elisiária da Conceição Borges, ao passo que tem ficado esquecida a suplicante, que se acha não só com o mesmo direito, mas que era a mais antiga pupila do Convento de Jesus, a mais pobre e desamparada.

Senhor, essa expulsada e abandonada, essa esquecida e desgraçada, no meio de outras tantas pupilas, e até serventes, que foram atendidas e favorecidas, oprimida de dor e banhada em lágrimas, por aí continua, curvada pelos anos e flagelada pela indigência, arrastando uma vida de miséria e de angústias, e assim continuará mendigando o pão da caridade, até que soe aquela hora fatal em que vá bater à porta do hospital da sua própria terra! E por uma misteriosa coincidência, irá cair moribunda à portaria daquele mesmo austero e histórico convento, erigido e sustentado pela piedade dos nossos monarcas, e onde a suplicante passou encerrada quase toda a sua vida, para daí nos derradeiros dias da sua existência ser expulsada e lançada na miséria!

1 - A queixosa dirige-se a Dom Carlos, rei desde 1889.